

# CONTEÚDOS NAS PESQUISAS E NO ENSINO DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL<sup>1</sup>

*Cleide Rita Silvério de Almeida\**

*José J. Queiroz\*\**

*Marcos Antônio Lorieri\*\*\**

Este trabalho retoma o problema da configuração dos focos da pesquisa e do ensino da Filosofia da Educação, defendendo a definição por temas que lhe são próprios e que resultam de configurações que se dão na prática histórica da educação. Defende também que tal prática inclui ou envolve assuntos já configurados que devem ser, constantemente, retomados na busca de sua contínua resignificação, sem prejuízo da necessária configuração de novas temáticas. Apresenta síntese de matérias indicadas ou propostas por três pensadores brasileiros da área como caminho para suscitar o debate sobre o tema. Conclui, afirmando ser necessário cogitar ou indicar temáticas que devam merecer a visada da filosofia da educação: tanto aquelas já estabelecidas quanto as novas. Os temas de pesquisa e de ensino são construções necessárias como forma de definição do campo dessa área.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Ensino. Filosofia. Filosofia da Educação. Pesquisa.

\*Doutora em Educação – USP;  
Licenciada em Filosofia – PUC-SP;  
Diretora do Programa de Pós  
Graduação em da Educação  
– PPGE-Uninove.  
São Paulo – SP [Brasil]  
calmeida@uninove.br

\*\*Doutor em Direito;  
Pesquisador – PPGE-Uninove.  
São Paulo – SP [Brasil]  
queiroz@pucsp.br

\*\*\*Doutor em Educação – PUC-SP;  
Licenciado em Filosofia – USP;  
Pesquisador – PPGE-Uninove.  
São Paulo – SP [Brasil]  
lorieri@sti.com.br

<sup>1</sup> Este texto foi apresentado no I Simpósio Internacional em Educação e Filosofia: perspectivas contemporâneas da Filosofia da Educação, realizado na UNESP de Marília – SP, de 6 a 9 de junho de 2006.

## 1 Introdução

A filosofia deve ser contemplada na formação dos educadores. Não há necessidade de argumentar a respeito. É necessário, porém, debater e apontar temas que devem compor o conjunto de estudos da formação filosófica do educador e os que é preciso investigar na área. Este texto identifica estudos produzidos nos últimos 30 anos que caminham em ambas as direções.

## 2 Três pensadores que marcam o encaminhamento dos estudos em Filosofia da Educação no Brasil

### 2.1 Antônio Joaquim Severino

Antônio Joaquim Severino é referência importante nas investigações em Filosofia da Educação, pois aponta temas que não podem deixar de ser objeto de estudo dessa área. Há os temas próprios da Filosofia “da” Educação e outros da Filosofia “sobre” a Educação. Ele denomina a segunda de “[...] plano de uma metarreflexão sobre a Filosofia da Educação, tentando elucidar o significado da área como exercício epistêmico [...]” (SEVERINO, 2002, p. 319). Interessa, aqui, inventariar os temas que Severino propõe como necessários no âmbito da Filosofia da Educação. Na análise de alguns de seus textos de 1986 a 2004, constata-se a indicação reiterada de certos temas: o ser humano e o significado de sua existência (âmbito da antropologia filosófica); o conhecimento (âmbito da teoria do conhecimento); os valores e o processo de valoração, especialmente a relativa às ações (âmbito da axiologia e mais especificamente da ética); as relações sociais e, nelas, as de poder (âmbito da filosofia social e política); o fato da alienação ideológica; a historicidade da realidade e das realizações humanas, bem como a história da própria cons-

tituição do humano; a análise das posturas metafísicas ou essencialistas, das naturalistas e da histórico-social pela qual sempre se opta. Em obra de 1986 (*Educação, ideologia e contra-ideologia*), afirma a necessidade de “[...] uma profunda formação filosófica [...]” dos professores e que esta é “[...] a tarefa que cabe à filosofia da educação.” (p. XIV). Nesta tarefa, é posta, em primeiro plano, a necessidade de “[...] explorar o significado da condição humana no mundo [...]” (SEVERINO, 1986, p. XV). Trata-se de trabalhar temática própria da antropologia filosófica, mas não só. O livro em questão propõe discutir ideologia como um aspecto importante do trabalho da reflexão filosófica sobre a educação que tem um campo temático obviamente muito mais amplo, diz Severino (p. XV-XVI). Este campo temático mais abrangente envolve não apenas o campo epistemológico, no qual se insere a discussão sobre a ideologia, mas também o axiológico, o antropológico e o social e político. A discussão sobre ideologia e educação é proposta, aqui, sob a ótica desses quatro campos temáticos, sugeridos, por sua vez, como objeto dos estudos da filosofia da educação.

Em outro texto (*A contribuição da Filosofia para a Educação*, 1990), Severino indica “[...] três frentes em que podemos identificar a presença marcante da contribuição da filosofia [...]” em sua relação com a educação. (1990, p. 20).

Na primeira frente relativa ao sujeito da educação,

[...] de um ponto de vista mais fundante, pode-se dizer que cabe à filosofia da educação a construção de uma imagem do homem [...] Trata-se do esforço com vista ao delineamento do sentido mais concreto da existência humana. [...] Como tal, a filosofia da educação constitui-se como antropologia filosófica. (1990, p. 20).

Não uma antropologia abstrata ou metafísica, mas “[...] uma antropologia filosófica capaz de apreender o homem existindo sob mediações his-

tórico-sociais, sendo visto então como ser eminentemente histórico e social.” (1990, p. 21).

Numa segunda, a filosofia contribui com uma reflexão voltada para os fins que norteiam a ação educativa. “A reflexão filosófica se faz então reflexão axiológica perquirindo a dimensão valorativa da consciência e a expressão do agir humano enquanto relacionado com valores.” (1990, p. 21).

Numa terceira, “[...] a filosofia da educação tem uma terceira tarefa: a epistemológica, cabendo-lhe instaurar uma discussão sobre questões envolvidas pelo processo de produção, de sistematização e de transmissão do conhecimento presente no processo específico da educação.” (1990, p. 22).

Na conclusão do texto, Severino reitera: “A contribuição que a filosofia dá à educação se traduz e se concretiza nessas três frentes que, na realidade, se integram e se complementam.” (1990, p. 24). Não só: há um tema ou uma preocupação que perpassa todo o texto e que diz respeito ao fato de que a existência humana é sempre “[...] trançada na realidade histórico-social.” (1990, p. 24). A temática política e social, assim como a busca da compreensão da historicidade humana, é pano de fundo que não pode deixar de ser ressaltado.

Em outro texto de 1993 (“Proposta de um universo temático para a investigação em Filosofia da Educação: as implicações da historicidade”), Severino se propõe, a partir da criação do Grupo de Filosofia da Educação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e de suas discussões, “[...] explicitar, delinear e sistematizar [...] as temáticas que atualmente vêm demandando o investimento prioritário da Filosofia da Educação entre nós.” (1993, p. 13). Indica que a “historicidade da educação” é a referência básica de tal proposta, posto que a historicidade é “[...] a característica fundamental da condição existencial dos homens[...]” (1993, p. 13). Ainda que no item III desse texto sejam indicados explicitamente alguns campos temáticos para a Filosofia da Educação, um tema parece precedê-los – a busca do esclarecimento da prática da educação: “[...] deve-se entender a

Filosofia da Educação como esforço para o desvendamento do sentido da educação no contexto do sentido da existência humana.” (1993, p. 16). Este tema e os que são mencionados em seguida precisam ser abordados de acordo com certas perspectivas como exigências para a pesquisa em Filosofia da Educação – é o que se aponta nas páginas 16 a 19 do texto referido. Severino indica, então, “alguns campos temáticos” que devem merecer a atenção da Filosofia da Educação, do ponto de vista tanto da pesquisa quanto do ensino. São eles: o epistemológico (1993, p. 19-21), o axiológico (1993, p. 21-24) e o ontológico (1993, p. 24-25). Cada um desses campos ou âmbitos, como são denominados no texto, envolvem e incluem temáticas próprias nas quais se desdobram.

Assim, no âmbito epistemológico, são indicadas as seguintes temáticas: o estatuto da filosofia da educação; a pesquisa em educação (“[...] construção e discussão dos paradigmas epistemológicos aptos a fundamentar a abordagem e o conhecimento de nossa realidade educacional [...]”, 1993, p. 20); transmissão e apropriação do conhecimento; sistematização do conhecimento em educação; linguagem em educação; interdisciplinaridade; ideologia.

No axiológico, trata-se das temáticas dos valores e fins na e da prática educativa, da ética, da política e da estética. No ontológico temático, trabalham-se a educação e a existência histórica do homem, a educação no processo de humanização e a educação e a liberdade da pessoa humana. Trata-se de um âmbito antropológico, mas numa “[...] perspectiva ontológica na medida em que se discutem as relações da educação com as condições existenciais do homem como ser histórico.” (1993, p. 24).

É de 2001 o livro *Educação, sujeito e história*, no qual Severino diz: “Faço aqui uma retomada das idéias que venho defendendo desde que passei a atuar no ensino e pesquisa na filosofia e Filosofia da Educação.” (2001, p. 15). Essa retomada, em termos de temas que devem ser trabalhados no ensino e na pesquisa em Filosofia da Educação, está indicada no capítulo que tem como título: “Identidade e tarefas da filosofia da educação” (2001, p. 119-137). A Filosofia da Educação é entendida como “[...] uma elaboração com vistas

à elucidação radical do sentido da educação [...]” no contexto da existência humana. (2001, p. 119). Este é o primeiro e grande tema da investigação da Filosofia da Educação que, “[...] desse ponto de vista [...], é fundamentalmente uma antropologia, pois toda significação possível da educação está atrelada à da existência humana na sua integralidade.” (2001, p. 119). Decorrente desse primeiro grande tema, outros três grupos temáticos se impõem como tarefa da Filosofia da Educação, que tem

[...] uma tarefa epistemológica que não se limita a articular as teorias científicas da educação e a sintetizar seus resultados; tem uma tarefa axiológica, não restrita a uma sabedoria nem mera sensibilização a valores. Ela tem uma tarefa ontológica embora não se reduza à metafísica. (2001, p. 119).

Cada um desses campos temáticos é explicitado ao longo do capítulo mencionado, o que leva o autor a indicar subtemas daí decorrentes. O livro todo é uma indicação fértil de temáticas próprias da investigação e do ensino no campo da Filosofia da Educação e merece uma análise específica que não cabe nos objetivos deste trabalho, mas, certamente, no corpo da pesquisa em andamento.

Em texto de 2002 (“A Filosofia da Educação no Brasil: esboço de uma trajetória”. GHIRALDELLI Jr., 2003), Severino, após apresentar dados sobre o percurso dos estudos em Filosofia da Educação no Brasil, aponta “[...] perspectivas de abordagem da educação no Brasil [...]” (2003, p. 281-284). Nesse trabalho, são destacados temas que têm e que devem, segundo o autor, constituir campo de pesquisa e ensino dessa área: a questão da identidade da Filosofia da Educação (2003, p. 282) e “[...] as questões relacionadas com a teoria e com a prática no campo epistemológico, axiológico e ontológico da Filosofia da Educação [...]” (2003, p. 283). Estes campos vêm sendo tratados por

[...] pensadores que se legitimaram como filósofos da educação exatamente por assumirem esta tematização, tratando-a mediante abordagens de perfil filosófico. Sem dúvida esta é a tarefa mais significativa da expressão cultural da Filosofia da Educação entre nós, na medida mesma em que se constitui como esforço não só de se elaborar uma elucidação sistemática da educação, em todas as suas dimensões, mediante instrumentos conceituais da Filosofia, mas também de se autolegitimar como exercício pertinente e válido do conhecimento humano, relacionado com a educação. (SEVERINO, 2003, p. 283).

Severino reitera a temática que propõe como campos de estudos da Filosofia da Educação em escritos anteriores e que tais domínios se situam numa ambiência mais ampla que é a da historicidade e da sociabilidade da existência humana e, portanto, da educação.

Na verdade, a Filosofia da Educação só se legitimará ao apoiar-se exatamente nos fundamentos que representam a condição de radical historicidade e de sociabilidade da educação, que deve ser entendida como necessariamente inserida nas coordenadas do tempo histórico e do espaço social. (SEVERINO, 2003, p. 320).

É de 2004 o último texto de Severino, “A compreensão filosófica do educar e a construção da Filosofia da Educação”, no qual são buscadas contribuições para a discussão sobre temas que se considerem próprios do âmbito da Filosofia da Educação. Trata-se do primeiro capítulo do livro: *Filosofia da Educação: diferentes abordagens* (ROCHA, 2004). Diz ele, na introdução, que pretende abordar a questão da identidade da Filosofia da Educação,

[...] ancorando tal identidade no estabelecimento de algumas tarefas que considero lhe serem específicas ao mesmo tempo em que busco mostrar como, no cumprimento dessas tarefas, vai se constituindo um múltiplo olhar filosófico sobre a educação, de diversas perspectivas temáticas de abordagem. (SEVERINO, 2004, p. 9).

Neste texto, essas temáticas são as mesmas indicadas nos anteriores já analisados: o significado da educação no contexto da significação da existência humana, considerada na sua historicidade e sociabilidade; a busca da compreensão do conhecimento e da dimensão valorativa do ser humano, em especial a do âmbito da ética e da política. Isso pode ser constatado mais claramente nas páginas 28 a 32 do texto, das quais são retiradas as seguintes afirmações:

Entendo o filosofar, à luz dessas premissas, como a expressão radicalizada da busca do esclarecimento do sentido da existência humana, e a Filosofia da Educação como elaboração conceitual com vistas à elucidação radical dos sentidos da educação, no contexto dessa existência, tal como ela se realiza historicamente. (SEVERINO, 2004, p. 28).

É por isso que a Filosofia da Educação deve ser entendida antes de mais nada como uma reflexão sobre os valores, uma vez que a educação é eminentemente uma prática lastreada em valores. Caberia então à Filosofia da Educação explicitar os valores, principalmente os valores éticos e políticos que possam “nortear” a prática educacional. [...] Sua questão central dessa perspectiva axiológica é aquela dos fins da educação, a questão do educar para quê. (SEVERINO, 2004, p. 29).



Mas o agir humano não depende apenas de referências axiológicas. Estão envolvidos, igualmente, significados conceituais, responsáveis pelo esclarecimento das numerosas variáveis do mundo objetivo no qual os homens se encontram situados. Por isso, a Filosofia da Educação tem de desempenhar também uma tarefa epistemológica, sem, no entanto, reduzir-se a uma epistemologia que se limite a articular as teorias científicas da educação e a sintetizar seus resultados. (SEVERINO, 2004, p. 30).

[...] impõe-se à Filosofia da Educação a construção de uma imagem do homem como sujeito fundamental envolvido na educação. Trata-se de delinear o sentido mais concreto da existência humana com relação às suas coordenadas de educabilidade. Como tal, a Filosofia da Educação constitui-se como uma antropologia filosófica, entendida como tentativa de construção de uma visão integrada do ser humano. (SEVERINO, 2004, p. 31).

Há, nas propostas de Severino, uma indicação clara de temáticas que se adensam nos âmbitos da antropologia filosófica, da teoria do conhecimento, da axiologia com ênfase na ética e na política e da reflexão sobre a educação propriamente dita. Numa percepção mais específica, cada um desses âmbitos se desdobra em subtemas que devem merecer atenção especial da reflexão filosófica sobre a educação, tais como a historicidade e sociabilidade humanas; os enfoques filosóficos não histórico-sociais que estão presentes em teorias e práticas educacionais; a ideologia e outras formas de alienação humana; os aspectos estéticos; as questões relativas à linguagem na educação; as concernentes à pesquisa em Filosofia da Educação, e as relacionadas ao próprio estatuto dessa área.

Severino tem, ainda, um livro de Filosofia da Educação destinado, inicialmente, aos cursos de formação de professores no Ensino Médio (*Filosofia*

*da Educação: construindo a cidadania*, 1994). As temáticas mencionadas são trabalhadas e propostas, neste livro, como caminho para o estudo e reflexões de futuros professores.

## 2.2 A proposta de Dermeval Saviani

As idéias de Saviani sobre Filosofia, Filosofia da Educação e Educação tiveram – e continuam a ter – grande peso no pensamento educacional brasileiro. Peso particular elas têm tido nas orientações relativas à pesquisa e ao ensino de Filosofia da Educação.

Em texto de 1973, “A filosofia na formação do educador”, publicado em livro somente em 1980 (*Educação: do senso comum à consciência filosófica*, p. 17-30), são cunhados dois entendimentos que se tornam presentes em muitos pensadores da área da Filosofia da Educação. O primeiro é o de Filosofia “[...] como reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas que a realidade apresenta.” (SAVIANI, 1980, p. 27). E o segundo, o de Filosofia da Educação: “Esta não seria outra coisa senão uma reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas que a realidade educacional apresenta”. (1980, p. 27).

Esse entendimento da Filosofia da Educação é um pouco mais explicitado nas páginas 29 e 30, em que são apresentados alguns desses “problemas”. O primeiro deles:

E, como a educação visa o homem, é conveniente começar por uma reflexão sobre a realidade humana, procurando descobrir quais os aspectos que ela comporta, quais as suas exigências referindo-as sempre à situação existencial concreta do homem brasileiro, pois é aí (ou pelo menos a partir daí) que se desenvolverá o nosso trabalho. (SAVIANI, 1980, p. 29-30).

Na seqüência, são indicados outros (“apenas um exemplo”) como

[...] o conflito entre “filosofia de vida” e “ideologia” na atividade do educador; a necessidade da opção ideológica e suas implicações; o caráter parcial, fragmentário e superável das ideologias e o conflito entre diferentes ideologias; a possibilidade, legitimidade, valor e limites da educação; a relação entre meios e fins na educação (como usar meios velhos em função de objetivos novos?); a relação entre teoria e prática (como a teoria pode dinamizar ou cristalizar a prática educacional?); é possível redefinir objetivos para a educação brasileira? Quais os condicionamentos da atividade educacional? Em que medida é possível superá-los e em que medida é preciso contar com eles? (1980, p. 30).

Em outro texto, “Função do ensino de filosofia da educação e de história da educação”, de 1974, publicado no livro citado (1980, p. 31-38), Saviani reitera sua noção de Filosofia e de Filosofia da Educação. O objeto da primeira “[...] são os problemas que surgem na existência humana.” (1980, p. 34). Daí o foco da filosofia da educação:

Se estamos preocupados com a filosofia da educação, a filosofia só terá sentido na medida em que nos permitir explicitar a problemática educacional. Se ela ocultar a problemática educacional não estará contribuindo para preencher a sua própria função e como tal estará se traindo enquanto filosofia. (SAVIANI, 1980, p. 34).

Aqui, a ênfase está na contribuição da filosofia enquanto explicitadora, e não ocultadora, da problemática educacional. O que explica a necessidade de que o trabalho de ensino e pesquisa em filosofia da educação se torne uma tarefa de realização e de desenvolvimento da “[...] postura reflexiva para

com a problemática educacional.” (1980, p. 35). Não se trata, pois, de estudar, pura e simplesmente, os resultados de reflexões já acabadas. Não que se negue tal estudo, mas ele deve ser subsídio para a reflexão sobre os problemas que a realidade educacional apresenta, consubstanciando a importância dada ao desenvolvimento do processo reflexivo com as características da radicalidade, do rigor e da abrangência. Veja-se o restante do texto, especialmente o que está dito nas páginas 35 a 37.

Em outro texto, “Tendências e correntes da educação brasileira”, publicado no livro *Filosofia da Educação Brasileira* (SAVIANI et al., 1983, p. 19-47), Saviani reitera o conceito de Filosofia da Educação dos textos anteriores e indica “[...] os problemas que a realidade educacional brasileira apresenta [...]” (1983, p. 22) como temática dessa área. Há, no entanto, uma novidade: a distinção entre “filosofia da educação como processo” e “filosofia da educação como produto”. Esta última é vista “[...] enquanto concepção razoavelmente articulada à luz da qual se interpreta e/ou se busca imprimir determinado rumo ao processo educativo.” (1983, p. 22). A novidade está em que o texto todo aponta o estudo dessas concepções (das filosofias da educação enquanto produtos) como uma temática importante e necessária no âmbito da Filosofia da Educação. Leiam-se, nesse sentido, as conclusões do texto, especialmente as páginas 43 e 44.

### 2.3 Moacir Gadotti

Em texto de 1977, “Idéias diretrizes para uma filosofia da educação”, publicado na revista *Reflexão* (1979), número 13, Gadotti indica “tarefas para a filosofia da educação”. Antes de tudo, porém, ela tem uma destinação geral:

[...] no que concerne à educação, a filosofia deve responder, antes de mais nada, à questão; para que serve a educação, em que sentido

o homem se educa? Por que e para que o homem precisa educar-se? Isto quer dizer que a primeira preocupação do filósofo, e do educador enquanto filósofo face à educação, é de saber se a educação tem um fundamento, tem raízes. (1979, p. 17).

Posto isso e também que lhe cabe tentar dar à educação “novos rumos voltados para uma perspectiva humana, ajudando a definir e a delimitar constantemente essa perspectiva” (GADOTTI, 1979, p. 9), existem as seguintes outras tarefas:

1. Colocar-se à escuta, formar-se e informar-se, tomar o pulso da situação da educação.
2. Dar-se, em seguida, a uma reflexão crítica destinada à problematização desta situação. Por exemplo, o problema da finalidade da educação, da existência de antropologias, de ideologias subjacentes aos sistemas educacionais, às reformas, às inovações, às concepções e doutrinas pedagógicas, à prática da educação etc.
3. [...] pôr em evidência os recursos, as possibilidades, as promessas que oferece o desenvolvimento da pedagogia, das ciências da educação e da tecnologia.
4. Afrontar as questões, as opiniões, as ideologias que tentam desvalorizar a reflexão, o ato de pensar, o esforço de coerência e que, sob diferentes rótulos, por diversas razões, desviam da vida pessoal e das exigências da existência o homem como sujeito.
5. Enfrentar um problema decisivo: é possível uma filosofia da educação? Qual é o seu sentido? Tem ela alguma coisa a dizer, a dar, para a solu-

ção dos problemas encontrados? Por quê, em nome de quê? Sua tarefa limita-se ao exame crítico? (1979, p. 10-11).

Este texto foi republicado no livro *Educação e poder*: introdução à pedagogia do conflito, em 1980, que, em 2003, teve sua 13. edição. Em 1995, foi também publicado, com pequenas alterações, em outra obra do mesmo autor: *Pedagogia da práxis*, cuja 4. edição saiu em 2004. Nas três publicações, as tarefas indicadas para a Filosofia da Educação permanecem inalteradas.

### 3 Primeira reflexão

Na indicação de temas que concernem ao trabalho de investigação e de ensino em Filosofia da Educação, os três pensadores têm, em comum, o seguinte:

- Apresentam uma concepção de filosofia e partem dela para caracterizar a Filosofia da Educação. Saviani é o mais explícito quanto a isso. Severino expõe sua concepção de Filosofia ao longo dos textos. Gadotti não a explicita no texto trabalhado, mas o faz em outros;
- Elaboram um entendimento do que seja ou do que deva ser entendido como Filosofia da Educação;
- Indicam temas ou tarefas de investigação que cabe à Filosofia da Educação estudar ou realizar.

Interessa, aqui, considerar o último item, ainda que ele não possa ser analisado sem ter, em mente, os outros dois. Vejamos.

- a. Severino e Saviani apontam como primeira tarefa e tema da Filosofia da Educação indagar sobre o ser humano e, com ele, sobre o sentido

da educação. Severino é enfático no que se refere à necessidade do trabalho com a temática da antropologia filosófica, até por conta de sua concepção de Filosofia como esforço por explicitar o significado da existência humana, dentro, é claro, do “[...] esforço por abarcar a significação de todos os aspectos da realidade, com a maior profundidade possível.” (SEVERINO, 2002, p. 41). Saviani, nas duas primeiras citações feitas, indica a mesma coisa. “E como a educação visa o homem, é conveniente começar por uma reflexão sobre a realidade humana.” Gadotti propõe iniciar pela questão da destinação da educação e sobre o porquê de o homem se educar. Os três enfatizam que o estudo do ser humano somente pode ser feito na concretude de sua realidade histórica e social. Daí a pressuposição de uma ontologia não metafísica nem naturalista-mecanicista, e sim histórico-social e dialética, com ênfase no agir humano entendido como práxis. Nos textos examinados, tal pressuposição é, mais ou menos, explicitada em cada autor. Severino é o que mais a explicita;

- b. Severino indica mais claramente temáticas que, numa percepção mais ampla, condensam-se na esfera da antropologia filosófica, da teoria do conhecimento, da axiologia, com ênfase na ética e na política, e da reflexão sobre a educação propriamente dita, como segmento que precede e se imbrica nos demais. Numa percepção mais específica, cada uma dessas esferas se desdobra em subtemas que devem merecer atenção especial da reflexão filosófica sobre a educação, tais como a historicidade e sociabilidade humanas; os enfoques filosóficos não histórico-sociais, presentes em teorias e práticas educacionais; a ideologia e outras formas de alienação humana; os aspectos estéticos; as questões relativas à linguagem na educação; as relativas à pesquisa em Filosofia da Educação, e a questão do próprio estatuto dessa área;

- c. Saviani indica, como primeiro e sempre presente tema da Filosofia da Educação, a explicitação da problemática educacional e o cuidado para não ocultá-la, sob pena de trair a própria Filosofia. Nessa problemática, deve-se começar pela “reflexão sobre a realidade humana”, conforme já assinalado. Há outros temas citados por ele, entre os quais o da ideologia; o do limite, possibilidade e legitimidade da educação; o da relação entre meios e fins; o tema dos objetivos da educação e o da relação entre teoria e prática. Some-se a esses e a outros tantos o do estudo das concepções ou das “filosofias da educação enquanto produtos”. Contudo, a Filosofia da Educação não pode estar restrita a tal estudo;
- d. Gadotti indica “tarefas” e, ao fazê-lo, menciona temas como o sentido da educação; “existência de antropologias e ideologias subjacentes aos sistemas educacionais”; recursos e possibilidades da pedagogia, das ciências da educação e da tecnologia; o sentido e a possibilidade de uma Filosofia da Educação.

São esses os temas que devem ser objeto do trabalho de ensino e de investigação no âmbito da Filosofia da Educação? Haveria outros? Essas indicações poderiam, por exemplo, auxiliar na construção de programas de disciplinas para os cursos de graduação que tenham como denominação filosofia da educação ou fundamentos filosóficos da educação? E nos programas de mestrado e doutorado em educação? Nestes, há desde linhas de pesquisa ou grupos de pesquisa denominados de filosofia da educação, fundamentos filosóficos da educação, ou aspectos filosóficos da educação, até disciplinas com tais denominações. O que esperar que se investigue, se estude ou se trabalhe nessas linhas, grupos ou disciplinas, de tal forma que se possa caracterizá-los como filosofia da educação? Ou não é por essas vias que se caracteriza tal área de conhecimento filosófico?



## 4 Segunda reflexão

Está presente, nos textos analisados, a afirmação de que cabe à reflexão filosófica colocar-se à escuta da educação, ou que é de responsabilidade da Filosofia da Educação estar atenta à realidade da prática educativa, pois só a partir daí é que se pode pensar filosoficamente a educação. Gadotti diz isso na primeira tarefa que indica à Filosofia da Educação (1979, p. 10). Severino não utiliza essa expressão, mas refere-se, com frequência, à necessidade de entender a “Filosofia da Educação como esforço para o desvendamento do sentido da educação no contexto do sentido da existência humana [...]” (SEVERINO, 1993, p. 16). Esse contexto, para ele, é o da historicidade, da sociabilidade e da praticidade (ou praxicidade) dessa existência humana. Não se pode filosofar “de fora” da realidade assim entendida. Saviani não diz “colocar-se à escuta” da realidade educacional, mas o diz de outra forma quando afirma que o objeto da Filosofia “[...] são os problemas que surgem na existência humana” (SAVIANI, 1980, p. 34). E acrescenta que, se a Filosofia da Educação “[...] ocultar a problemática educacional, não estará contribuindo para preencher sua própria função e como tal estará se traindo enquanto filosofia”. (SAVIANI, 1980, p. 34). Ao definir, por exemplo, o que entende por reflexão, sugere, entre outras coisas, que ela consiste em “examinar detidamente, prestar atenção, analisar com cuidado. E isto é o filosofar.” (SAVIANI, 1980, p. 23). “Ao desafio da realidade, representado pelo problema, o homem responde com a reflexão”. (SAVIANI, 1980, p. 23), pois, “[...] se se trata de filosofia da educação, isso implica assumir a atitude de reflexão sobre os problemas educacionais que a nossa situação concreta está nos colocando.” (SAVIANI, 1980, p. 36). E isso não ocorrerá se não houver essa escuta atenta da realidade educacional.

Essas afirmações podem ser questionadas ou retomadas e até resignificadas, tomando-se o texto de Sívio Gallo: “Notas deleuzianas para

uma filosofia da educação”, publicado em *O que é Filosofia da Educação* (GHIRALDELLI, Jr., 2002, p.157-184). Nele, após expor idéias de Deleuze e Guattari sobre a Filosofia como “criação de conceitos”, Gallo propõe um encontro possível entre filosofia e educação, procurando ficar “[...] apenas nos limites da Filosofia da Educação [...]” (GALLO, 2002, p. 179). Para fazê-lo, indica que, de acordo com Deleuze, com quem concorda, “[...] nada mais pobre e reducionista para a filosofia da educação do que tomá-la como reflexão sobre a educação.” (GALLO, 2002, p. 179-180). Esta afirmação é feita, referindo-se a certa tradição da filosofia da educação no Brasil que a entende como “[...] reflexão sobre os problemas educacionais.” (GALLO, 2002, p. 179). Diz ele que a reflexão é necessária e é “um ‘instrumento’ da filosofia para criar conceitos” (GALLO, 2002, p. 180), mas não pode ser reduzida ao pensar sobre os problemas educacionais. Nega também como válida a idéia de que a filosofia da educação deva ser um dos fundamentos da educação se, como tal, ela for uma “[...] busca dos conceitos produzidos por filósofos ao longo da história, para sobre eles erigir um saber educacional. Ou então procura resgatar o que os filósofos já pensaram sobre a educação, como subsídio para os dias de hoje.” (GALLO, 2002, p. 181).

Se não é tarefa da Filosofia da Educação refletir sobre os problemas educacionais nem produzir ou buscar fundamentos para a educação, o que propõe então?

Parece-nos algo novo em relação aos outros pensadores mencionados. Diz ele: “Pondo-nos a serviço da boa filosofia e da boa educação, devemos buscar uma nova filosofia da educação, e parece-me que a inspiração deleuziana é bastante interessante. O filósofo da educação deve ser um criador de conceitos.” (GALLO, 2002, p. 182).

Não só, pois, nos termos deleuzianos, há mais: “[...] o filósofo da educação deve ser aquele que cria conceitos e que instaura um plano de imanência que corte o campo de saberes educacionais.” (GALLO, 2002, p. 182).

Ao explicitar, a seguir, o que significa instaurar esse plano de imanência criando conceitos, Gallo indica que o filósofo da educação deve ser alguém que está à escuta da educação e que, em estando, utiliza, sim, a reflexão para pensar as questões educacionais. Claro que somente a reflexão não basta nem se trata de buscar fundamentos para a educação, mas de intencionalizar, de alguma maneira, a educação – pelo menos naquele plano –, sem empobrecê-la no limite do que apenas se diz e constata. É necessário superar a doxografia, diz ele, ainda que partindo dela muitas vezes. Há sempre novas possibilidades que só a ação acompanhada filosoficamente pode vislumbrar.

O filósofo da educação deve ter intimidade com os problemas educacionais, sentir-se tocado por eles, senti-los na pele; isso não significa que ele deva necessariamente ser íntimo da doxografia educacional – o conjunto de opiniões sobre a educação – já que sua tarefa primeira é justamente combater tal doxografia, resgatando o que há de consistência sem perder o infinito do platô Educação. Sendo um habitante ou um visitante deste platô, conhecendo seu panorama, o filósofo está apto a reagir aos problemas que ele suscita. Trata-se, então, de aplicar a eles, problemas educacionais, o instrumental filosófico. Instaurar, inventar, criar... Um plano de imanência circunscrito pelos e circunscritor dos problemas educacionais; um personagem conceitual comprometido com a educação e que caminhe por suas vielas; conceitos que ressignifiquem tais problemas e os tornem em acontecimentos, que os façam ganhar consistência. [...] Em outras palavras, a tarefa do filósofo da educação é a de pensar filosoficamente questões colocadas pelo plano de imanência que atravessa transversalmente o campo de saberes em que se constitui a educação. (GALLO, 2002, p. 182-183).

## 5 Considerações finais

Os autores citados concordam que não se faz filosofia sem o chão do existir e que, por isso mesmo, não se faz filosofia da educação à revelia da concretude da educação. Só é possível a filosofia da educação “no dentro” das questões ou dos problemas da educação. E esses problemas circunscrevem o âmbito da reflexão filosófica e são por ele circunscritos.

Os pontos de partida de cada um deles podem ser diversos para caracterizar o filosofar e, por conseguinte, a filosofia da educação. Entretanto, todos indicam que é a realidade da educação que deve merecer a visada do pensamento filosófico: uma visada de dentro dessa realidade e disponível para tomar as feições que se vão configurando, pois múltiplas são as possibilidades, visto que tudo resulta de múltiplas relações que se constroem historicamente.

Não se pode pensar, contudo, que seja impossível ou descabido propor ou indicar temáticas que devam merecer a visada da filosofia da educação. Há problemas não vistos ou ainda não circunscritos. Cabe à filosofia da educação tomar e retomar as problemáticas que aí estão. A história do acontecer da humanidade é sempre lição a ser aprendida: há lições quanto ao que considerar, quanto ao que reconsiderar e quanto a saber contar com o inesperado.

### TEACHING AND RESEARCH IN THE PHILOSOPHY

This work resumes the problem of the focus configuration in the research and the teaching of the Philosophy of Education, supporting that it is defined by its own themes which result into configurations that take place in the historical practice of education realm. It also defends that the historical practice of education includes or involves themes that are already configured and must be constantly resumed regarding its continuous resignification without damaging

the necessary configuration of new themes. It presents a synthesis of matters indicated or proposed by three Brazilian thinkers in this area as a way of promoting the debate on this theme. As a conclusion it is declared the necessity of reflecting on or indicating themes worthy of the Philosophy of Education analysis: both certain already configured themes and new themes. The research and teaching themes are necessary constructions as a way of shaping the definition field of this area.

**KEY WORDS:** Education. Philosophy. Philosophy of Education. Research. Teaching.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução por Alfredo Bosi. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

GADOTTI, Moacir. Idéias diretrizes para uma Filosofia da Educação. *Reflexão*. Campinas, ano IV, n. 13, p. 9-20, jan./abr., 1979.

\_\_\_\_\_. *Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da práxis*. 4. ed. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2004.

GALLO, Sílvio. Notas deleuzianas para uma filosofia da educação. In: GHIRALDELLI Jr., Paulo (Org.). *O que é filosofia da educação?* 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 157-184.

\_\_\_\_\_. Filosofia e educação: pistas para um diálogo transversal. In: KOHAN, Wallter (Org.). *Ensino de filosofia: perspectivas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 277-288.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1980.

\_\_\_\_\_. Tendências e correntes da educação brasileira. In: SAVIANI, Dermeval et al. *Filosofia da educação brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 19-44.

NOVA CULTURAL. *Grande dicionário Larousse Cultural*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Educação, ideologia e contra-ideologia*. São Paulo: EPU, 1986.

\_\_\_\_\_. A contribuição da Filosofia para a Educação. *Em Aberto*. Brasília, ano 9, n. 45, p. 19-25, jan./mar. 1990.

\_\_\_\_\_. Proposta de um universo temático para a investigação em Filosofia da Educação: as implicações da historicidade. *Perspectiva*, Florianópolis, UFSC, ano 11, n. 19, p. 13-27, jan./jun., 1993.

\_\_\_\_\_. *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

\_\_\_\_\_. A Filosofia da Educação no Brasil: esboço de uma trajetória. In: GHIRALDELLI Jr., Paulo (Org.). *O que é filosofia da educação?* 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 265- 326.

\_\_\_\_\_. A compreensão filosófica do educar e a construção da Filosofia da Educação. In: ROCHA, Doroty (Org.). *Filosofia da Educação: diferentes abordagens*. Campinas: Papirus, 2004.

\_\_\_\_\_. *Filosofia da Educação: construindo a cidadania*. São Paulo: FTD, 1994.

Recebido em 17 out. 2007 / aprovado em 14 nov. 2007.

### **Para referenciar este texto**

ALMEIDA, C. R. S. de; QUEIROZ, J. J.; LORIERI, M. A. Conteúdos nas pesquisas e no ensino da Filosofia da Educação no Brasil. *EccoS*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 285-306, jul./dez. 2007.